RBTCC e-ISSN: 1982-3541 Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva

ABPMC Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental

Qual é a Relação entre Criatividade e Transtorno Mental?

What is the Relationship between Creativity and Mental Illness?

¿Cuál es la Relación entre Creatividad y Trastorno Mental?

RESUMO: O objetivo deste estudo foi examinar a relação entre criatividade e transtornos mentais, discutindo suas implicações psicológicas e sociais. Isso nos possibilita refletir acerca da extensão em que a criatividade é valorizada e aceita em nossa sociedade e como os estereótipos envolvendo pessoas altamente criativas influenciam na sua trajetória de vida. Com base na literatura na área de criatividade, discutiu-se o conceito de criatividade e transtorno mental e buscou-se analisar a inter-relação entre os dois construtos. Pode-se concluir que não há um consenso acerca dessa associação. Tais divergências podem ser explicadas em função da ausência de definição específica dos construtos e da necessidade de se determinar qual transtorno foi investigado e em relação à qual dimensão de criatividade. Não se trata de uma relação direta, causal, simplista ou global. Também se discute acerca da maneira como os padrões sociais determinam e diferenciam o indivíduo altamente criativo daqueles que apresentam comportamentos desviantes.

Palavras-chave: criatividade; saúde mental; personalidade; sofrimento psíquico.

ABSTRACT: The purpose of this study was to examine the relationship between creativity and mental illness, discussing their psychological and social implications. This allows us to reflect on how creativity is valued and accepted in our society and how stereotypes involving highly creative people influence their trajectory of life. Based on the literature in the field of creativity, we discussed the concept of creativity and mental disorder and sought to analyze the interrelationship between the two constructs. It can be concluded that there is no consensus about this association. Such divergences can be explained by the absence of a specific definition of the constructs, and the need to determine which disorder was investigated and in relation to which dimension of creativity. It is not a direct, causal, simplistic or global relationship. We also discuss how so-

Autores

Marina Nogueira [1]

Denise de Souza Fleith [2]*

[1,2] Universidade de Brasília

Correspondente

* fleith@unb.br

Endereço para correspondência: Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Campus Darcy Ribeiro, Brasília, DF, CEP: 70910-900.

Dados do Artigo

DOI: 10.31505/rbtcc.v21i3.1315

Recebido: 19 de Junho de 2019
Revisado: 01 de Outubro de 2019
Aprovado: 23 de Outubro de 2019

Como citar este documento

Nogueira, M., & Fleith, D. (2019). Qual é a Relação entre Criatividade e Transtorno Mental? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva. 21(3), 317-331.* doi: https://10.31505/rbtcc.v21i3.1315

CC BY NC OPEN ACCESS

É permitido compartilhar e adaptar. Deve dar o crédito apropriado, não pode usar para fins comerciais.

cial patterns determine and differentiate the highly creative individual from those who exhibit deviant behavior.
Keywords: creativity; mental health; personality; psychic suffering.

RESUMEN: El objetivo de este estudio fue examinar la relación entre creatividad y trastornos mentales, discutiendo sus implicaciones psicológicas y sociales. Esto posibilita reflexionar acerca de cómo la creatividad es valorada y aceptada socialmente y cómo los estereotipos que involucran a las personas altamente creativas influyen en sus trayectorias de vida. Con base en la literatura, fue discutido el concepto de creatividad y trastornos mentales buscando analizar la interrelación entre los dos constructos. Se concluye que no hay consenso acerca de esta asociación. Tales divergencias pueden ser explicadas en función de la ausencia de una definición específica de los constructos y de la necesidad de determinar qué trastorno fue investigado y en relación a cuál dimensión de la creatividad. No se trata de una relación directa, causal, simplista o global. También se discute acerca de cómo los patrones sociales determinan y diferencian el individuo creativo de los que presentan comportamientos desviantes.
Palabras clave: creatividad; salud mental; personalidad; sufrimiento psíquico.

Ao longo dos séculos, pessoas têm sido reconhecidas por gerarem produtos e ideias inovadoras e mesmo revolucionárias que quebraram os paradigmas da época. Também é frequente nos depararmos com pessoas que solucionam de forma criativa problemas do dia a dia. Assim, indivíduos criativos passaram a ser estudados não apenas com o objetivo de se entender o que os diferencia dos demais, mas também de se identificar caminhos para o desenvolvimento de suas potencialidades (Renzulli, 2016). Por outro lado, indivíduos conhecidos por suas produções altamente originais são lembrados tanto por sua genialidade quanto por sua aparente insanidade, gerando o estereótipo do "gênio louco" (Silva, Brito, & Dressler, 2011; Silva & Santos, 2012).

Neste sentido, uma das perguntas mais frequentes sobre criatividade envolve sua associação com os transtornos mentais, ou seja, o questionamento de se a loucura seria uma fonte de criatividade ou, ainda, se a criatividade poderia levar à loucura (Lubart, 2007). Estudos recentes apresentam resultados controversos e concluem que ainda não é possível afirmar se há uma relação causal entre criatividade e transtornos mentais. Feist (2017), por exemplo, sinalizou que determinados transtornos de humor, como o transtorno afetivo bipolar, estão mais conectados com alta performance criativa na área de artes e literatura. Já Acar e Runco (2012) concluíram, a partir de um meta-análise envolvendo 32 estudos, que a associação entre psicotismo e criatividade é moderada por variáveis como gênero, idade, tipo de amostra, medidas de psicotismo e de criatividade e domínio da criatividade. Feist (2017) sugere que o conceito de psicotismo, definido pela Associação Americana de Psiquiatria (2013, p. 815) como "ampla variedade de comportamentos e cognições estranhos ou incomuns culturalmente incongruentes", é muito amplo e que sua relação com criatividade deveria ser investigada a partir de componentes específicos, como inibição latente e esquizotipia (i.e., pensamento mágico, fantasia, introversão, comportamento excêntrico).

Por um lado, há autores que defendem ser um mito a ideia de conexão positiva entre os construtos, inclusive argumentando que se hou-

ver correlação, ela é deve ser negativa. Zeidner e Shani-Zinovich (2011) investigaram diferenças entre dois grupos de alunos considerados criativos e não criativos em relação à ansiedade e saúde mental medida pelo nível de estresse e bem-estar na vida cotidiana. Embora os resultados não tenham encontrado diferenças significativas entre os dois grupos quanto às variáveis mensuradas, os indivíduos criativos apresentaram menores índices de ansiedade. Bergold, Wirthwein, Rost e Steinmayr (2015) também não encontraram diferenças significativas entre grupos de alunos criativos e não criativos em relação à percepção de satisfação com a vida e concluíram que a criatividade não é um fator de risco socioemocional. Segundo Simonton (2017), para os teóricos humanistas, por exemplo, criatividade e saúde mental são inter-relacionadas: ao mesmo tempo que criatividade é um sinal de saúde mental, ter uma boa saúde mental estimula a produção criativa.

Oliveira, Nakano e Wechsler (2016) revisaram a produção científica nacional e internacional da pesquisa relacionada à criatividade e à saúde mental na última década e encontraram apenas 58 artigos, dos quais apenas 10,35% eram brasileiros. Foi constatado que a medicina é a área com mais publicações na área, somando 25 estudos, enquanto a psicologia publicou 16 trabalhos que, em sua maioria, eram "referentes ao impacto de práticas artísticas visualizadas como estratégia de enfrentamento e de alívio para as condições traumáticas" (p. 1499). Do total de artigos analisados, 35 tinham enfoque psicopatológico e 23, enfoque de saúde. Ainda, apenas 15 artigos foram dedicados ao estudo da relação da criatividade com esquizofrenia, transtornos psicóticos, transtorno bipolar e de humor depressivo. Embora os estudos tenham identificado conexões entre criatividade e transtornos mentais, não foi possível estabelecer relações de causa e efeito. Segundo Oliveira et al. (2016):

> A maior parte das produções encontradas ainda mantem-se associadas à produção do conhecimento voltado ao tratamento da patologia, ainda que o número de estudos voltados à investigação dessa relação dentro de uma visão de saúde venha aumentando, de forma não linear e inconstante, ao longo deste período. (p. 1503).

Para além da existência ou não de uma relação causal entre criatividade e transtorno mental, Becker (2014) questiona em que medida a ideia de interdependência entre loucura e genialidade poderia criar uma profecia autorrealizadora envolvendo pessoas altamente criativas, influenciando a forma como elas são tratadas durante sua trajetória escolar, por seus pais, pares e professores. Nesse sentido, pode-se questionar quais seriam as implicações para o desenvolvimento da criatividade em diferentes contextos de formação, para o atendimento às necessidades acadêmicas, cognitivas, sociais e emocionais dos indivíduos talentosos criativos, bem como para o tratamento de pessoas com transtornos mentais. Assim, o objetivo deste estudo foi examinar a relação entre criatividade e transtornos mentais, discutindo suas implicações psicológicas e sociais. Essa discussão nos possibilita refletir acerca da extensão em que a criatividade é valorizada e aceita em nossa sociedade e como os estereótipos envolvendo pessoas altamente criativas influenciam na sua trajetória de vida. Pode-se argumentar que a investigação acerca da relação entre criatividade e transtornos mentais transpassa uma tênue linha que separa comportamentos considerados normais, aceitáveis e desejáveis socialmente e aqueles denominados desviantes e intoleráveis.

Concepções e Características de Criatividade

É inevitável, ao se abordar o fenômeno da criatividade, que se revisitem aspectos da história desde a Grécia Antiga. Nesse período,

embora ainda não houvesse um estudo formal do construto, já se fazia referência a pessoas que se sobressaíam pela criação de novos produtos, fosse na área das artes, da física ou da matemática. Nessa época, acreditava-se que a produção criativa estava vinculada a uma manifestação divina e que os artistas e cientistas eram vistos como indivíduos escolhidos pelos deuses para expressar e representar suas ideias (Lubart, 2007).

Mais tarde, com Aristóteles, a criatividade perdeu essa noção do divino, e passou-se a acreditar que ela emergia do interior do indivíduo, de seus pensamentos e esforços mentais (Lubart, 2007). A partir de então, questões importantes começaram a surgir acerca do fenômeno como, por exemplo, quais seriam as características das pessoas criativas que as diferenciariam das demais ou, ainda, no que consistiria a criatividade.

Francis Galton (1822-1911) começou a esboçar os primeiros trabalhos nesse sentido e, com seus estudos acerca das diferenças individuais, pode-se dizer que ele marcou o início do estudo empírico da criatividade (Lubart, 2007). No entanto, até 1950, a temática da criatividade dominava menos que 0,2% dos resumos das principais revistas em psicologia da época (Kaufman & Beghetto, 2009; Lubart, 2007). Foi a partir do discurso de Guilford, em 1950, como presidente da *American Psychological Association* (APA), sugerindo a possibilidade de haver mais sistematização e estudos na área, que as pesquisas em criatividade começaram a crescer (Lubart, 2007; Rhodes, 1961).

Estudos têm sido realizados no sentido de identificar traços de personalidade das pessoas mais criativas, ou seja, o que as difere das demais pessoas (Garcês et al., 2015; Puryear, Kettler, & Rinn, 2017). Segundo Rato (2009), pode-se dizer que a pessoa criativa seria uma pessoa autônoma, extrovertida, com abertura a experiências, de grande curiosidade e com flexibilidade de pensamento. Lubart (2007) descreve seis traços de personalidade que apresentam relações significativas com criatividade: (a) perseverança, (b) tolerância a ambiguidade, (c) abertura para novas experiências, (d) individualismo, (e) disponibilidade para correr riscos e (e) psicoticismo. Um estudo clássico conduzido por MacKinnon, nos anos 60 e 70 do século XX, por exemplo, comparou um grupo de arquitetos considerados criativos por editores de revistas de arquitetura norte-americanas com dois grupos controle e identificou como características de personalidade criativa a intuição, persistência, dedicação ao trabalho, pensamento independente, maior tolerância à ambiguidade, maior abertura a experiências e interesses não convencionais (Alencar & Fleith, 2009).

Junto com as inúmeras indagações acerca do perfil do indivíduo criativo, inúmeras teorias foram desenvolvidas. Uma das que obteve muito impacto foi a elaborada por Rhodes (1961), denominada de os 4 P's da criatividade, que seriam a Pessoa, o Produto, o Processo e o ambiente (*Press*). Assim, ele definia o construto como "um substantivo nomeando um fenômeno em que a pessoa comunica um novo conceito (que seria o produto). Atividade mental (ou processo mental) está implícita nessa definição e, sem dúvida, ninguém poderia conceber uma pessoa vivendo e operando em um vácuo, então o termo ambiente (*press*) também está implícito" (p. 305).

A categorização de Rhodes (1961) foi importante para chamar atenção não apenas para o produto final, mas também para apresentar o processo como um ato criativo, valorizando a motivação e os processos de percepção, aprendizagem e pensamento. Segundo Wallace (citado em Rhodes, 1961), o processo criativo é formado por quatro estágios: (a) preparação, que envolve leitura, observação, comparação e coleta de dados; (b) incubação, que diz respeito a um momento consciente e inconsciente ao mesmo tempo, pois envolve tanto raciocínio quanto um período de descanso; (c) inspi-

ração, etapa em que surgem os *insights* e, com frequência, ocorre durante o período de descanso; e, por fim, (d) verificação, momento de conversão da ideia em um produto final para ser apresentado de forma articulada.

A proposta de Rhodes contribuiu para desmistificar a crença de que a criatividade não pode ser ensinada ou praticada e ajudou, ainda, a enfraquecer a ideia de que a criatividade é fruto apenas dos *insights*, isto é, de ideias que surgem "a partir do nada". Segundo Morais (2011), para surgirem *"*esses momentos de descoberta súbita e inexplicável... um lento percurso de trabalho, de conhecimento, de persistência, de reavaliações e de manutenção teimosa num sentido de objectivo tiveram de ir acontecendo" (p. 8).

Levar em conta a pessoa e o ambiente no qual ela está inserida ajuda a elucidar outra controvérsia sobre se a criatividade seria um fenômeno dependente especialmente de fatores individuais ou ambientais (Morais, 2011). Para Alencar e Fleith (2003), as teorias recentes sobre criatividade "atribuem a produção criativa a um conjunto de fatores, que interagem de forma complexa, referentes tanto ao indivíduo quanto a variáveis sociais, culturais e históricas do ambiente onde o indivíduo se encontra inserido" (p. 1).

O Modelo Componencial de Criatividade (Amabile, 1988), por exemplo, entende ser o fenômeno da criatividade desenvolvido por meio da interação de (a) habilidades de domínio, relativas ao conhecimento prático e teórico em uma área; (b) processos criativos relevantes, que englobam estilos de trabalho, estilo cognitivo, domínio de estratégias e traços de personalidade que contribuem para a produção de novas ideias, como concentração, clareza, organização e tolerância a ambiguidades; e (c) motivação, em especial a intrínseca, ou seja, a motivação pelo interesse próprio, pelo desafio e pela satisfação, não englobando pressões externas.

Também a Perspectiva de Sistema (Csikszentmihalyi, 1988) tem sido muito referenciada nos estudos acerca da criatividade e, apesar de apresentar algumas diferenças em relação ao Modelo Componencial, também entende a criatividade a partir de uma interação de fatores, os quais foram denominados de (a) indivíduo, composto pelos aspectos genéticos e pelas experiências vividas, bem como pelos processos cognitivos, personalidade e motivação da pessoa criativa; (b) domínio, que envolve "corpo de saberes formalmente organizado que está relacionado a uma determinada área do conhecimento" (Gontijo, 2007, p. 25); e (c) campo, referente ao sistema de pessoas que compõem o domínio e julgam as produções incorporadas.

Assim, apesar de Lubart (2007) propor como relativamente consensual a noção de que "a criatividade é a capacidade de realizar uma produção que seja ao mesmo tempo nova e adaptada ao contexto na qual ela se manifesta" (p. 8), percebe-se que não existe, ainda, uma definição de criatividade que possa, de fato, ser considerada como um consenso entre todos os pesquisadores da área. Isso porque o "fenômeno criativo ora (é) definido como um processo cognitivo, outras vezes como característica de personalidade, ou ainda pela qualidade do produto realizado, determinado por sua relevância ou impacto na sociedade" (Wechsler, 2004, p. 21).

Essa dificuldade de definição do construto leva, também, a uma outra questão relativa a como mensurá-lo por meio de instrumentos psicométricos. A criatividade seria avaliada em termos de potencial ou de performance? Seria julgada por juízes ou pela própria pessoa? Seria examinada em termos de produto ou processo criativo? Wechsler (2004) afirma que "talvez o problema a ser colocado... seria justamente o de se esperar que um teste tenha relação com um produto externo, quando, na verdade, deveria ser avaliado o processo de se pensar para se compreender um fenômeno tão complexo como é a criatividade" (p. 22).

Um dos testes mais aceitos e utilizados mundialmente (Wechsler, 2004) para avaliação e pesquisas em criatividade é o Teste de Torrance de Pensamento Criativo, que foi desenvolvido por Paul Torrance em 1966 baseado nas quatro dimensões do pensamento divergente propostas por Guilford (fluência, flexibilidade, originalidade e elaboração). Torrance (1966) elaborou o teste nas formas verbal e figurativa e, mais tarde, além das quatro dimensões originalmente desenvolvidas, ele propôs, para o teste figurativo, mais 13 indicadores de criatividade, a saber: expressão de emoções, contextualização das ideias, presença de movimento, expressividade de títulos, combinações de estímulos, perspectiva incomum, perspectiva interna, extensão de limites, títulos expressivos e extensão de limites, humor, riqueza de imagens, e expressividade de ideias. Com relação ao teste verbal, Wechsler (1985), ao realizar pesquisas de validação dos testes de Torrance para o Brasil, obteve mais quatro indicadores de criatividade verbal: expressão de emoção, perspectiva incomum, fantasia e analogia/metáfora.

Wechsler (2004) realizou outro estudo de validação da criatividade verbal no Brasil a partir do Teste de Torrance adaptado para o cenário brasileiro. Para isso, ela utilizou uma amostra de 128 pessoas, das quais 63 foram definidas como criativas, selecionadas pelo fato de terem alguma premiação reconhecida como criativa ou original em alguma área. A todos os participantes foi aplicada a forma verbal do Teste de Torrance e, ainda, um questionário no qual cada um deveria descrever suas produções criativas, tanto as reconhecidas quanto as não reconhecidas por pares. Os resultados indicaram que não apenas o teste apresentava alta validade preditiva da criatividade em relação aos feitos da vida real, como também possuía alta validade de construto, isto é, grande capacidade de distinguir entre as pessoas criativas das não criativas. Em relação aos dois grupos, a autora constatou que havia uma diferença significativa entre o número de produções criativas reconhecidas, mas a diferença diminuía significativamente quando se consideravam as produções não reconhecidas.

Duas grandes questões envolvendo o estudo da criatividade têm sido debatidas pelos pesquisadores da área: quem julga o produto criativo? São juízes e pares da sociedade ou a própria pessoa? Além disso, qual seria a distribuição populacional da criatividade? Seria ela um potencial universal ou diferenciada dependendo das ferramentas utilizadas em cada processo criativo? (Dow, 2017; Morais, 2011). Em outras palavras, o que permeia essa polêmica é se seriam passíveis de crédito apenas aqueles que apresentam uma alta criatividade, cuja produção teria um grande impacto na sociedade – *Big*-C –, ou se estariam também inclusos aqueles com produções e manifestações criativas cotidianas – *little*-c (Silva & Nakano, 2012). Para diminuir o hiato entre os grandes artistas, pensadores e cientistas que tiveram um considerável impacto com um trabalho de extrema originalidade (*Big*-C) e a criança que se expressa criativamente na produção de algum trabalho na escola (*little*-c), Kaufman e Beghetto (2009) propuseram o *Four C Model of Creativity* acrescentando, para além do *Big*-C e do *little*-c, o *mini*-c e o *Pro*-c, que dizem respeito, respectivamente, à gênese da expressão criativa e à produção criativa que já alcançou um nível profissional, mas não, ainda, a eminência.

Considerando-se os mitos que circundam o conceito de criatividade, destaca-se a crença de que ela estaria associada à indisciplina ou mau comportamento em sala de aula, e a de que a criatividade é expressa exclusivamente por meio da arte. Essas crenças podem restringir as possibilidades de expressão da criatividade de um aluno em outras áreas e até mesmo dificultar no reconhecimento, por parte dos professores, do seu processo e produto criativos. Em escala um pouco maior, pode-se dizer que esse mito contribui desde muito cedo para a associa-

ção da criatividade com comportamentos desviantes. Por isso, uma das perguntas mais frequentes sobre criatividade, e que já vem sendo discutida desde o século XIX, envolve sua associação com os transtornos mentais, ou seja, o questionamento de se a loucura seria uma fonte de criatividade ou, ainda, se a criatividade poderia levar à loucura (Kaufman, 2014; Lubart, 2007).

Transtorno Mental

De acordo com Beaussart, White, Pullaro e Kaufman (2014), da mesma forma que a criatividade pode ser expressa em diversos domínios, como artes, literatura, ciência etc, o transtorno mental pode significar transtorno da personalidade, esquizofrenia, transtorno bipolar, depressão ou uma combinação de outros diagnósticos. O termo é muito amplo e abarca vários quadros. No âmbito da psicologia, questiona-se o conceito de transtorno mental, qual o perfil do indivíduo diagnosticado com tais transtornos?

Para Barrantes-Vidal (2014), o conceito de esquizofrenia e transtorno afetivo bipolar, por exemplo, "engloba uma ampla gama de expressões fenomenológicas (variando em termos de gravidade, cronicidade, e comprometimento) que reflete variações nos níveis das cargas genética e ambiental" (p. 171). Neste sentido, não é possível compreender o transtorno mental de maneira dicotômica, como se houvesse uma fronteira rígida separando a doença da saúde. Segundo Barrantes-Vidal, trata-se de um fenômeno multidimensional que deve ser considerado como "variantes extremas ou patológicas das disposições de personalidade normal ... associadas tanto com traços adaptativos quanto disfuncionais" (p. 194). Furnham (2017) defende que há uma sobreposição entre os critérios que caracterizariam traços de personalidade normal e os relativos a transtornos de personalidade. Contudo, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM-V; *American Psychiatric Association*, 2013), critérios para indicação de sinais de transtornos envolveriam padrões duradouros, inflexíveis e invasivos, estáveis e de longa duração.

Transtornos mentais envolvem fatores relacionados ao funcionamento cognitivo, afetivo e social. Ou seja, o transtorno influencia em como a pessoa pensa, sente, e se comporta. Também fatores culturais e históricos devem ser considerados: em que medida "o comportamento de uma pessoa 'desvia de forma marcante' das expectativas da sua cultura" (Furnham, 2017, p. 257)? Ou o que pode ser considerado um comportamento normal ou desviante em função do momento histórico no qual o sujeito está inserido? Quais são os padrões de normalidade ou doença mental de uma determinada cultura ou tempo histórico? As características associadas ao pensamento criativo também estão presentes nos transtornos? Qual a conexão entre transtorno mental e criatividade?

Inter-relação Criatividade e Transtorno Mental

Becker (2014) fez uma revisão histórica, com início na Grécia Antiga, a respeito da relação criatividade e transtorno mental e de que maneira ela foi mudando com o passar do tempo. Ele pontua que, nesse período, a loucura foi entendida como algo positivo e inerente à genialidade e que os indivíduos que a possuíam se comunicavam, de alguma forma, com os deuses. No entanto, eles acreditavam que havia uma diferença entre essa loucura, considerada como algo bom, e a loucura patológica, que era, por sua vez, desprovida de qualquer possibilidade de obtenção de sucesso. Nesse contexto, foi Aristóteles quem, pela primeira vez, falou da ligação entre personalidade melancólica e alta criatividade (Becker, 2014; Lubart, 2007). Para Platão, "o poeta, indivíduo extraordinário porque foi escolhido pelos deuses, exprime as

ideias criativas que ele recebeu" (Lubart, 2007, p. 11). Nesse período, a criatividade era entendida como algo divino concedida pelos deuses a um número muito limitado de pessoas, fazendo com que elas categorizassem uma parcela especial da sociedade.

Devido ao governo autocrático durante o Império Romano e às subsequentes pressões políticas e religiosas que resultaram em um aumento do poder da igreja na sociedade, o interesse pela temática da criatividade no mundo ocidental diminuiu consideravelmente, retornando apenas no período do Renascimento (Lubart, 2007). Nesse período, o interesse voltou-se aos que outrora foram denominados gênios - àqueles que possuíam uma habilidade criativa superior – e que ainda eram vistos de forma muito atrelada à loucura e à melancolia. A crença era a de que somente as pessoas melancólicas seriam capazes de alta criatividade (Becker, 2014). No entanto, no Renascimento acreditava-se na criatividade dos gênios quanto à habilidade de reproduzir e imitar o que já havia sido feito, não sendo capazes de produzir algo novo. Assim, o que vinha sendo considerado como algo ilustre foi, aos poucos, se tornando alvo de críticas e, ao final do século XVI, já era considerado um escárnio. No século XVII, os artistas abandonaram a imagem do místico e da melancolia relacionada à criatividade e misturaram-se, discretamente, aos intelectuais da sociedade (Becker, 2014).

Apesar de se manter a ideia de que a genialidade deveria ser respeitada e reverenciada, na prática os gênios sentiam-se pouco privilegiados, misturados com a massa de pessoas anônimas (Becker, 2014). Foi nesse contexto que os românticos do século XVIII iniciaram um movimento de resgatar as ideias de seus antepassados e ressaltar a conexão entre genialidade e loucura com uma conotação positiva e um lugar de prestígio, mas, ao mesmo tempo, buscando uma forma de demonstrar uma independência intelectual em relação ao passado. Dessa forma, eles redefiniram o conceito de gênio de tal forma que se criou um sistema que impossibilitava a ideia de uma total sanidade nos indivíduos criativos, colocando a loucura em nítido contraste com a normalidade (Becker, 2014). A retirada do divino dessa relação entre genialidade e loucura fez com que a loucura patológica fosse vista como uma condição inevitável e até mesmo desejada por aqueles que, em algum momento, fossem considerados gênios – visão que prevalece ainda nos dias de hoje (Kaufman, 2014).

Silva e Santos (2012) analisaram biografias de alguns ícones da história que foram considerados gênios loucos, dentre eles: Van Gogh, Mozart, Galileu e Darwin. Sobre eles, os autores afirmam que "frequentemente, a expressão 'gênio louco' é popularizada na sociedade, de modo que se reconheça que 'insanidade' pode gerar 'originalidade', ou, então, que alguma forma especial de insanidade é parte intrínseca da definição de criatividade" (p. 9), fazendo-se inferir que a loucura é o preço que se paga, necessariamente, pela genialidade. Eles concluem, ainda, que "a taxa e a intensidade da psicopatologia parecem ser elevadas nos criadores supremos, permitindo-nos inferir que ambas ... correlacionam-se positivamente com a magnitude do gênio criativo" (p. 10), o que seria o mesmo que dizer que quanto mais gênio, mais louco. Os autores também chamam atenção para a influência da linhagem familiar na criação de pessoas eminentemente criativas.

Nesse sentido, alguns estudos analisaram a relação hereditária entre criatividade e transtornos mentais, tomando como participantes tanto as pessoas diagnosticadas com algum transtorno mental como seus familiares. Kyaga et al. (2013), por exemplo, realizou uma investigação envolvendo 300.000 participantes e apontou que os indivíduos com transtorno bipolar e seus familiares e, ainda, os familiares de indivíduos esquizofrênicos e estavam super-representados em profissões que demandavam

criatividade (Kyaga et al., 2013). Kinney et al. (2001) também realizaram um estudo que revelou altos índices de pensamento criativo entre parentes saudáveis de pessoas com diagnóstico de esquizofrenia e constataram, ainda, picos mais altos de criatividade em pacientes com sinais esquizotípicos.

Segundo Oliveira e Bandeira (2018), o funcionamento da personalidade varia, em um contínuo, entre dois extremos – adaptativo e patológico – e, por isso, ambos compartilham da mesma estrutura. Eysenck (1993) também acreditava que tanto os indivíduos criativos quanto os que são diagnosticados com transtornos mentais compartilham de um mesmo traço de personalidade, e o que os diferencia é a qualidade do uso que eles fazem dele. Nesse sentido, Eysenck conduziu um estudo sobre a relação entre criatividade e personalidade e concluiu que: (a) parentes de pessoas com diagnóstico de psicose são extremamente criativas; (b) psicoticismo está relacionado à originalidade e à realização criativa; (c) pessoas criativas frequentemente sofrem de alguma psicopatologia; e (d) pessoas com diagnóstico de psicose, com alto escore de psicoticismo e altamente criativas possuem estilos cognitivos idênticos.

No estudo conduzido por Puryear et al. (2017) com o intuito verificar a relação entre os construtos de personalidade e criatividade, abertura à experiência foi considerado o melhor preditor da criatividade, seguido por extroversão. Por outro lado, esses mesmos traços foram, segundo Bass, Boot, Nijstad e DeDreu (2016), correlacionados positivamente com indicadores de sintomas positivos da esquizofrenia – como alucinação e pensamento mágico – e de transtorno bipolar, especialmente da fase de mania. Estudos têm demonstrado que as associações existentes entre os traços de personalidade compartilhados pelas pessoas com potencial superior e os associados a psicopatologias devem-se mais ao fato de eles possuírem alta capacidade de pensamento divergente e criativo e alta inteligência do que de possuírem uma personalidade disfuncional (Ferracuti, Cannoni, Burla, & Lazzari, 1999; Franklin & Cornell, 1997; Nascimento, 2002; Schwartz & Canetti, 2014).

Franklin e Cornell (1997), por exemplo, realizaram um estudo analisando os resultados dos protocolos do teste de Rorschach de adolescentes superdotadas – cujo perfil indicava alta inteligência e alta criatividade – que ingressaram precocemente na universidade em relação a um grupo controle de adolescentes superdotadas que não passaram pela aceleração de estudos. O Rorschach é um teste psicológico projetivo de personalidade e tem sido largamente utilizado no contexto de avaliações psicológicas em casos de psicopatologias. Embora não seja utilizado com frequência na literatura tradicional de identificação ou encaminhamento de indivíduos superdotados, ele tem sido muito difundido em pesquisas com o objetivo de investigar a relação entre características de pensamento criativo com traços de personalidade patológica (Ferracuti et al., 1999; Franklin & Cornell, 1997; Gallucci, 1989; Schwartz & Canetti, 2014).

Os resultados demonstraram que as adolescentes que haviam sido aceleradas obtiveram um escore maior do que as do grupo controle nos índices de esquizofrenia, depressão e pensamento autônomo; em contrapartida, esse escore foi menor no índice de aceitamento social. Constatou-se, ainda, que a média de QI do grupo de participantes aceleradas apresentada foi mais alta que a do grupo controle. Considerando que os altos escores no índice de esquizofrenia foram positivamente correlacionados com um ajustamento emocional saudável em outras escalas aplicadas – mensurando autoestima, ajustamento socioemocional, pensamento autônomo e auto-realização –, os autores sugeririam que o pensamento divergente e criativo estava sendo identificado como pensamento distorcido pelo teste do Rorschach e concluíram que é

mais provável que alto escore no índice de esquizofrenia esteja mais relacionado ao pensamento criativo do que a uma psicopatologia. Já o índice de depressão no grupo de alunas aceleradas foi negativamente correlacionado com o índice de ajustamento emocional, fazendo com que os pesquisadores concluíssem que os resultados de mau ajustamento do Rorschach coincidiam com outros resultados de mau ajustamento, sugerindo, de fato, que quanto pior o ajustamento emocional, mais propensas essas participantes estavam à depressão.

Nogueira (2019) encontrou resultados semelhantes ao realizar uma pesquisa com alunos superdotados acelerados – isto é, estudantes que haviam ingressado precocemente na universidade –, superdotados não acelerados e não superdotados, aplicando o teste do Rorschach junto com outros testes de personalidade, inteligência e criatividade. Apesar de os resultados terem apontado que os indicadores de pensamento distorcido do Rorschach se correlacionaram positivamente com os índices gerais de criatividade, também foi encontrado um perfil de ajustamento emocional e social saudável nos grupos de alunos superdotados, sugerindo que eles seriam pessoas imaginativas e fantasiosas, abertas a novas experiências e mudanças, com grande senso de autoestima, autoconfiança e autonomia, ambiciosas para realizar tarefas difíceis, que tendem a quebrar padrões e desafiar as convenções e que gostam de ser valorizadas por seu talento. Esse perfil vai ao encontro da literatura que descreve o perfil de indivíduos superdotados e criativos (Alencar, 2007; Alencar & Fleith, 2001, 2003). Em concordância com Franklin e Cornell (1997), Nogueira (2019) concluiu que o pensamento criativo e o pensamento distorcido apresentam uma correlação positiva e significativa. Porém, como não foram encontradas evidências de mau ajustamento emocional por parte dos alunos mais criativos, sugeriu-se que os indicadores de psicopatologia encontrados estavam mais relacionados ao pensamento criativo e divergente do que à suscetibilidade ao transtorno psicótico.

Sakamoto, Lapastini e Silva (2003) fizeram um levantamento dos estudos existentes, no período de 1887 até 2001, relacionando criatividade e psicodiagnóstico por meio do teste do Rorschach, e encontraram apenas 72 trabalhos. No entanto, estudar essa correlação torna-se essencialmente relevante, uma vez que o Rorschach, apesar de ser um teste de personalidade, oferece inúmeros indicadores de criatividade. O próprio Hermann Rorschach (citado em Sakamoto, Lapastini, & Silva) já afirmava que protocolos com prevalência de respostas de percepção de movimento sobre as de cor caracterizam os indivíduos imaginativos.

Alguns estudos verificaram se havia alguma correlação entre as variáveis do teste do Rorschach e as do Teste de Torrance de Pensamento Criativo – um dos testes de criatividade mais utilizados mundialmente (Baker, 1978; Ferracuti et al., 1999). Apesar de Baker sugerir que os testes mensuram diferentes fases do processo criativo ou, ainda, diferentes tipos de criatividade, de modo geral os resultados indicaram fortes correlações entre as variáveis dos dois testes. Inclusive, muitas das variáveis do Rorschach que obtiveram correlações positivas com índices de criatividade têm sido, tradicionalmente, utilizadas nos indicadores de esquizofrenia.

Por fim, ressalta-se o alerta de Kaufman (2014) de que a maioria dos estudos que se propõem a compreender a relação entre criatividade e saúde mental não usa parâmetros claros de determinação de qual dimensão da criatividade está sendo correlacionada a qual tipo de psicopatologia, dificultando conclusões mais concisas acerca do tema.

Conclusões

Como mencionado, muitos estudos na área têm sido conduzidos no sentido de identificar

se há ou não uma relação causal entre criatividade e transtorno mental e os resultados ainda não chegaram a um consenso. Segundo Kaufman (2014), tem-se pesquisado a respeito, mas parece que, frequentemente, a conclusão é a de que mais estudos sobre o tema são necessários. O que ele afirma ser preciso é determinar, de forma mais específica, qual das psicopatologias está sendo investigada e em relação à qual variável de criatividade.

Assim, pode-se dizer que o estabelecimento de um panorama geral da relação entre criatividade e transtornos mentais pode acabar gerando desdobramentos e estereótipos que não são, posteriormente, analisados e estudados de maneira a oferecer um suporte (a) aos indivíduos que apresentam algum transtorno mental e, portanto, passam por um sofrimento psíquico grave (Morais, 2011) e (b) àqueles que, de alguma forma, sofrem desde muito cedo com a associação da criatividade com indisciplina ou mau comportamento em sala de aula (Delou, 2007). Segundo Pérez (2011), estereótipos acerca dos sujeitos altamente criativos e talentosos "podem conduzir à criação de uma imagem patologizada e deturpada desse ser humano diferente, negando-lhe, em última instância, o direito de construir uma identidade sadia" (p. 513).

Também se questiona acerca da maneira como os padrões sociais determinam e diferenciam o indivíduo altamente criativo do "louco". Sternberg (2005) afirma que ideias criativas desafiam a sociedade e, quando propostas, são majoritariamente entendidas como algo bizarro. "A sociedade geralmente percebe a oposição ao *status quo* como irritante, ofensiva e motivo suficiente para ignorar ideias inovadoras" (Sternberg, p. 329). É nesse sentido que Runco (2005) defende que o indivíduo deve saber a hora certa de apresentar ideias originais, para que não soe apenas como um excêntrico oposicionista.

As concepções acerca de criatividade influenciam a maneira como o indivíduo criativo é visto e aceito socialmente. Wechsler (2004) afirma que "uma ideia só será considerada original, ou trará novidade, quando além de diferente e incomum, ela puder apresentar sugestões para futuros produtos e forçar uma mudança a maneira com que a realidade é percebida" (p. 4). Já Lubart (2007) entende que a produção criativa deve ser nova e adaptada ao contexto ao mesmo tempo. No entanto, vale a pena refletir acerca dos tantos rompimentos de paradigmas aos quais a sociedade já foi exposta por conta daqueles que apresentaram ideias originais, porém não adaptadas ao meio e que, apesar de a sociedade ter colhido os frutos dessas ideias, as pessoas que as propuseram morreram sendo consideradas loucas.

Pode-se dizer que quando se fala de transtorno mental refere-se, antes de mais nada, a um grande sofrimento psíquico que levou a pessoa a um diagnóstico psiquiátrico. Portanto, talvez não se trate de uma relação causal e a priori existente entre a criatividade e os transtornos mentais, mas de uma trajetória de sofrimento e de pouco ou nenhum suporte no sentido emocional para lidar com os desafios de adaptar-se à uma cultura que, de modo geral, não aceita ideias inovadoras e originais. Nesse sentido, Sendín (1999) alerta para a importância de um pensamento intelectual complexo vir acompanhado de abundantes recursos afetivos, para que não se arrisque a estabilidade e a coerência interna do indivíduo. A sinalização de "vantagens potenciais, e não somente déficits, ... é uma mensagem encorajadora que claramente contrasta com a visão estigmatizante que a sociedade tem dessas condições [dos transtornos mentais] e da desmoralização, culpa e vergonha pelas quais passam os que sofrem e suas famílias" (Barrantes-Vidal, 2014, p. 196).

Beaussart et al. (2014) chama atenção ainda para o fato de que as divergências acerca da associação entre criatividade e transtorno mental são fruto da ausência de definição es-

pecífica dos dois construtos. Portanto, é preciso cautela ao se examinar essa relação. O que os estudos revelam é que não se pode conceber tal relação de forma direta, causal, simplista e global. Como explicam os autores, "a natureza da criatividade, com seus diferentes domínios, medidas e níveis de eminência, e a natureza do transtorno mental, com seus espectros de gravidade e dificuldade no estabelecimento de diagnósticos precisos" (p. 54), tornam o tema desafiador e complexo de ser investigado.

Referências

Acar, S., & Runco, M. (2012). Psychoticism and creativity: A meta-analytic review. *Psychology of Aesthetics, Creativity and the Arts, 6*(4), 34–1350. http://doi.org/10.1037/a0027497

Alencar, E. M. L. S. (2007). Características sócio-emocionais do superdotado: Questões atuais. *Psicologia Em Estudo*, *12*(2), 371–378. Retrieved from http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a18

Alencar, E. M. L. S., & Fleith, D. S. (2001). *Superdotados: Determinantes, educação e ajustamento* (2a ed.). São Paulo, SP: EPU.

Alencar, E. M. L. S., & Fleith, D. S. (2003). Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *19*(1), 1–8. http://doi.org/10.1590/S0102-37722003000100002

Alencar, E. M. L. S., & Fleith, D. S. (2009). *Criatividade: Múltiplas perspectivas* (3a ed.). Brasília, DF: EdUnB.

Amabile, T. M. (1988). A model of creativity and innovation in organizations. *Research in Organizational Behavior*, *10*, 123–167. Retrieved from http://web.mit.edu/curhan/www/docs/Articles/15341_Readings/Group_Performance/Amabile_A_Model_of_CreativityOrg.Beh_v10_pp123-167.pdf

American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5* (5a ed). Washington, DC: American Psychiatric Association.

Barrantes-Vidal, N. (2014). Creativity and the spectrum of affective and schizophrenic psychoses. In J. C. Kaufman (Ed.), *Creativity and mental illness* (pp. 169–204). New York, NY: Cambrige University Press.

Baker, M. (1978). The Torrance Test of Creative Thinking and the Rorschach Inkblot Test: Relationships between two measures of creativity. *Perceptual Motor Skills*, *46*, 539–547. http://doi.org/10.2466/pms.1978.46.2.539

Bass, M., Boot, N., Nijstad, B. A., & DeDreu, C. K. W. (2016). Mad genius revisited: Vulnerability to psychopathology, biobehavioral aproach-avoidance, and creativity. *Psychological Bulletin*, *142*(6), 668–692. http://doi.org/10.1037/bul0000049

Beaussart, M. L., White, A. E., Pullaro, A., & Kafuman, J. C. (2014). Reviewing recent empirical findings on creativity and mental illness. In J. C. Kaufman (Ed.), *Creativity and mental illness* (pp. 25–41). New York, NY: Cambrige University Press.

Becker, G. (2014). A socio-historical overview of the creativity-pathology connection: From antiquity to contemporary times. In J. C. Kaufman (Ed.), *Creativity and mental illness* (pp. 3–24). New York, NY: Cambridge University Press.

Bergold, S., Wirthwein, L., Rost, D. H., & Steinmayr, R. (2015). Are gifted adolescents more satisfied with their lives than their non-gifted peers? *Frontiers in Psychology*, *6*, 1–10. http://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01623

Csikszntmihalyi, M. (1988). Society, culture and person: A systems view of creativity. In R. J. Sternberg (Ed.), *The nature of creativity* (pp. 325–339). New York, NY: Cambridge University Press.

Delou, C. M. C. (2007). Educação do aluno com altas habilidades/superdotação: Legislação

e políticas educacionais para a inclusão. In D. S. Fleith (Ed.), *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação* (Vol. 1, pp. 25–40). Brasília, DF: Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial.

Dow, G. T. (2017). Defining creativity. In J. A. Pluckert (Ed.), Creativity & innovation. Theory, research, and practice (pp. 5–21). Waco, TX: Prufrock Academic Press.

Eysenck, H. J. (1993). Creativity and personality: Suggestions for a theory. *Psychological Inquiry*, *4*(3), 147–178. http://doi.org/10.1207/s15327965pli0403_1

Feist, G. J. (2017). Personality, behaviora thresholds, and the creative scientist. In G. J. Feist, R. Reiter-Palmon, & J. C. Kaufman (Eds.), *The Cambridge handbook of creativity and personality research* (pp. 64–83). New York, NY: Cambridge University Press.

Ferracuti, S., Cannoni, E., Burla, F., & Lazzari, R. (1999). Correlations for the Rorschach with the Torrance testes of creative thinking. *Perceptual Motor Skills*, *89*, 863–870. http://doi.org/10.2466/pms.1999.89.3.863

Franklin, K. W., & Cornell, D. G. (1997). Rorschach interpretations with high-ability adolescent females: Psychopathology or creative thinking? *Journal of Personality Assessment*, *68*(1), 184–196. http://doi.org/10.1207/s15327752jpa6801_15

Furnham, A. (2017). Personality traits, personality disorders, and creativity. In G. J. Feist, R. Reiter-Palmon, & J. C. Kaufman (Eds.), *The Cambridge handbook of creativity and personality research* (pp. 252–271). New York, NY: Cambridge University Press.

Gallucci, N. T. (1989). Personality assessment with children of superior intelligence: Divergence versus psychopathology. *Journal of Personality Assessment*, *53*(4), 749–760. http://doi.org/10.1207/s15327752jpa5304

Garcês, S., Pocinho, M., Jesus, S. N., Viseu, J., Imaginário, S., & Wechsler, S. M. (2015). Estudo de validação da Escala de Personalidade Criativa. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, *2*(40), 17–24. http://doi.org/10.13140/RG.2.1.1758.3760

Gontijo, C. H. (2007). *Relações entre criatividade, criatividade em matemática e motivação em matemática de alunos do ensino médio (Tese de doutorado não publicada)*. Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

Kaufman, J. C. (2014). Creativity and mental illness: Reasons to care and beware. In J. C. Kaufman (Ed.), *Creativity and mental illness* (pp. 403–407). New York, NY: Cambridge University Press.

Kaufman, J. C., & Beghetto, R. A. (2009). Beyond big and little: The four C model of creativity. *Review of General Psychology*, *13*(1), 1–12. http://doi.org/10.1037/a0013688

Kinney, D. K., Richards, R., Lowing, P. A., LeBlanc, D., Zimbalist, M. E., & Harlan, P. (2001). Creativity in offspring of schizophrenic and control parents: An adoption study. *Creativity Research Journal*, *13*(1), 17–25. http://doi.org/10.1207/S15326934CRJ1301_3

Kyaga, S., Landen, M., Boman, M., Hultman, C., Långström, N., & Lichtenstein P. (2013). Mental illness, suicide and creativity: 40-year prospective total population study. *Journal of Psychiatry Research, 47*(1), 83–90. http://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2012.09.010

Kyaga, S., Lichtenstein, P., Boman, M., Hultman, C., Långström, N., & Landén, M. (2011). Creativity and mental disorder: Family study of 300.000 people with severe mental disorder. *British Journal of Psychiatry*, *199*(5), 373–379. http://doi.org/10.1192/bjp.bp.110.085316

Lubart, T. (2007). *Psicologia da criatividade*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Morais, M. D. F. (2011, Junho). Criatividade: Desafios ao conceito. *Trabalho apresentado no I Congresso Internacional de Criatividade e Inovação*, Manaus.

Nascimento, R. S. G. F. (2002). Estudo normativo do sistema compreensivo do Rorschach para a cidade de São Paulo. *Psico-USF*, *7*(2), 127–141. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712002000200002

Nogueira, M. (2019). *Relação entre criatividade, inteligência, personalidade e superdotação no contexto educacional* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Brasília, Brasília.

Oliveira, K. S., Nakano, T. C., & Wechsler, S. M. (2016). Criatividade e saúde mental: uma revisão da produção científica na ultima década. *Temas Em Psicologia*, *24*(4), 1493–1506. http://doi.org/10.9788/TP2016.4-16

Oliveira, S. E. S., & Bandeira, D. R. (2018). Avaliação da patologia da personalidade por meio do inventário de organização da personalidade. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira, & C. M. Trentini (Eds.), *Avaliação psicológica da inteligência e da personalidade* (pp. 265–279). Porto Alegre, RS: Artmed.

Pérez, S. G. P. B. (2011). O culto aos mitos sobre as altas habilidades/superdotação? *Psicologia Argumento*, *29*(67), 513–531. Retrieved from http://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20413

Puryear, J. S., Kettler, T., & Rinn, A. N. (2017). Relating personality and creativity: Considering what and how we measure. *Journal of Creative Behavior*, *0*(0), 1–14. http://doi.org/10.1002/jocb.174

Rato, I. E. M. N. (2009). *A pessoa criativa: Perspectivas em saúde mental* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Renzulli, J. S. (2016). The three-ring conception of giftedness: A developmental model for promoting creative productivity. In S. M. Reis (Ed.), *Refletions on gifted education* (pp. 55–90). Waco, TX: Prufrock Academic Press.

Rhodes, M. (1961). An analysis of creativity. *The Phi Delta Kappan*, *42*(7), 305–310. Retrieved from http://www.jstor.org/stable/20342603

Runco, M. A. (2005). Creative giftedness. In R. J. Sternberg & J. E. Davidson (Eds.), *Conceptions of giftedness* (pp. 295–311). New York, NY: Cambridge University Press.

Sakamoto, C. K., Lapastini, M. A. B., & Silva, S. M. (2003). A criatividade no psicodiagnóstico de Rorschach: Uma possibilidade de enriquecimento à interpretação dos resultados. *Psicologia: Teoria e Prática*, *5*(1), 13–25. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872003000100002

Schwartz, H., & Canetti, L. (2014). Creativity and emotional distress on the Rorschach test. *Rorschachiana*, *35*, 23–41. http://doi.org/10.1027/1192-5604/a000043

Sendín, C. (1999). Traços afetivos. In J. E. Exner & C. Sendín (Eds.), *Manual de interpretação do Rorschach para o sistema compreensivo* (pp. 119–162). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Silva, T. F., & Nakano, T. C. (2012). Criatividade no contexto educacional: Análise de publicações periódicas e trabalhos de pós-graduação na área da psicologia. *Educação e Pesquisa*, *38*(3), 743–759. http://doi.org/10.1590/S1517-97022012005000013

Silva, J. A., & Santos, R. C. (2012). Gênios: Origens e traços. *Revista Brasileira de Tradução Visual*, *12*(12), 1–12. Retrieved from http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/viewArticle/152

Silva, R. A., Brito, C. M. D., & Dressler, C. V. G. (2011). Vincent Van Gogh e a utilização das artes nas práticas de reabilitação em saúde mental. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, *3*(7), 1–15. Retrieved from http://stat.necat.incubadora.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/1901

Simonton, D. K. (2017). Creative genius and psychopathology: Creativity as positive an negative genius. In G. J. Feist, R. Reiter-Palmon, & J. C. Kaufman (Eds.), *The Cambridge handbook of creativity and personality research* (pp. 235–250). New York, NY: Cambridge University Press.

Sternberg, R. J. (2005). The WICS model of giftedness. In R. J. Sternberg & J. E. Davidson (Eds.), *Conceptions of giftedness* (2a ed., pp. 327–342). New York, NY: Cambridge University Press.

Torrance, E. P. (1966). *Torrance Tests of Creative Thinking: Norms-technical manual*. Princeton, NJ: Personnel Press.

Wechsler, S. M. (1985). A identificação do talento criativo nos Estados Unidos e no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *1*, 140–147. Retrieved from http://revistaptp.unb.br/index.php/ptp/article/view/1152/251

Wechsler, S. M. (2004). *Avaliação da criatividade por palavras: Teste de Torrance versão brasileira* (2a ed.). Campinas, SP: Duo Paper Gráfica Expressa.

Zeidner, M., & Shani-Zinovich, I. (2011). Do academically gifted and nongifted students differ on the Big-Five and adaptive status? Some recent data and conclusions. *Personality and Individual Differences*, *51*(5), 566–570. http://doi.org/10.1016/j.paid.2011.05.007